

Dossiê: Estratégias de devotos e brincantes para a religiosidade em tempos de
pandemia

Romarias e práticas devocionais ao Padre Cícero e à Mãe das Dores em tempos de pandemia

Yslia Batista Alencar

Graduada em Ciências Sociais
Universidade Regional do Cariri

ysliaalencar16@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-1670-7831>

Renata Marinho Paz

Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais
Universidade Regional do Cariri

renata.marinho@urca.br – <https://orcid.org/0000-0002-5957-5023>

RESUMO

Neste artigo, analisamos os impactos da pandemia da Covid-19 sobre as crenças e práticas religiosas dos devotos do Padre Cícero e de Nossa Senhora das Dores, bem como percepções dos romeiros sobre a pandemia. A pesquisa, desenvolvida entre setembro de 2020 e março de 2021, baseou-se na interação junto a grupos de romeiros em redes sociais na internet. Apresentamos uma reflexão sobre o processo de realização de pesquisa, com seus limites e possibilidades, bem como sobre as visões dos nossos interlocutores sobre a pandemia, e como vêm sendo desenvolvidas suas práticas religiosas, especialmente aquelas relacionadas à devoção ao Padre Cícero. Trazemos também uma análise acerca das impressões dos romeiros sobre a pandemia e suas associações às prédicas escatológicas do Padre Cícero. Por fim, apresentamos percepções sobre o processo constante de recriação das romarias, agudizado neste cenário pandêmico.

Palavras-chave: Antropologia da Religião; Romarias; Práticas Devocionais; Pandemia.

***Romarias* and devotional practices to Padre Cícero and to Mãe das Dores in times of pandemic**

ABSTRACT

In this article, we analyze the impacts of the Covid-19 pandemic on the religious beliefs and practices of the devotees of Padre Cícero and Our Lady of Sorrows, as well as the perceptions of *romeiros* about the pandemic. The research, carried out between September 2020 and March 2021, was based on the interaction with groups of *romeiros* on online social networking services. We present a reflection on the research process, with its limits and possibilities, as well as on the views of our interlocutors about the pandemic, and how their religious practices have been developed, especially those related to devotion to Padre Cícero. We also bring an analysis of the impressions of the *romeiros* about the pandemic and its associations with the eschatological sermons of Padre Cícero. Finally, we present insights into the constant process of recreating the *romarias*, highlighted in this pandemic scenario.

Keywords: Anthropology of Religion; *Romarias*; Devotional Practices; Pandemic.

***Romarias* y prácticas devocionales al Padre Cícero y a la Mãe das Dores em tiempos de pandemia**

RESUMEN

En este artículo se analizan los impactos de la pandemia de Covid-19 en las creencias y prácticas religiosas de los devotos del Padre Cícero y de Nuestra Señora de las Dores, así como las percepciones de los *romeiros* sobre la pandemia. La investigación, desarrollada entre septiembre de 2020 y marzo de 2021, se basó en la interacción con grupos de *romeiros* en las redes sociales de Internet. Presentamos una reflexión sobre el proceso de realización de la investigación, con sus límites y posibilidades, así como las opiniones de nuestros interlocutores sobre la pandemia, y cómo se han desarrollado sus prácticas religiosas, especialmente las relacionadas con la devoción al Padre Cícero. También presentamos un análisis de las impresiones de los *romeiros* sobre la pandemia y sus asociaciones con las prédicas escatológicas del Padre Cícero. Por último, presentamos las percepciones sobre el constante proceso de recreación de las *romarias*, agravado en este escenario pandémico.

Palabras clave: Antropología de la religión; *Romarias*; Prácticas devocionales; Pandemia.

Introdução

As romarias a Juazeiro do Norte vêm sendo realizadas desde 1889, ano em que vieram a público os chamados milagres da hóstia envolvendo o Padre Cícero e a Beata Maria de Araújo. Atraídas por esses fatos extraordinários, levadas de fiéis passaram a afluir à pequena localidade situada ao sul do Estado do Ceará, considerada pelos devotos como uma terra santa¹.

Ao longo desses 131 anos, a história tem sido esta: todos os anos, milhares de romeiros acorrem à Juazeiro, terra do Padre Cícero, reconhecido como santo pelo povo, apesar de não canonizado pela Igreja Católica. Nem a morte do Padim Ciço, como o sacerdote é popularmente chamado, nem as grandes secas ou crises econômicas impediram que o movimento de devotos, oriundos especialmente dos estados da região Nordeste, continuasse vívido. Entretanto, a pandemia da Covid-19 provocou uma inflexão nessa história. Em março de 2020, a diocese de Crato, em conformidade com as diretrizes de contenção emanadas pelo Governo do Estado do Ceará e pela prefeitura do município, suspendeu a realização de romarias, visando evitar a disseminação do vírus. Com isso, Juazeiro do Norte não recebeu a costumeira leva de peregrinos que, como uma onda, conforme bela metáfora criada por Gilmar de Carvalho (1998), engolfa a cidade, transfigurando-a a cada romaria.

Considerando esse cenário, apresentaremos uma análise acerca das configurações que vêm sendo construídas em torno do universo das romarias ao Padre Cícero e à Mãe das Dores em Juazeiro do Norte nesse momento atípico de pandemia. Interessamo-nos analisar os impactos provocados pela Covid-19 nas vidas dos romeiros, em seus cotidianos, em suas formas de expressão de piedade e práticas religiosas, sobretudo aquelas associadas aos exercícios devocionais relacionados, direta ou indiretamente, às romarias.

Isto porque, como revelam diversos estudos realizados sobre as romarias de Juazeiro, como os de Salatiel Alencar (2007) e Antônio Braga (2008), a devoção ao Padre Cícero e à Nossa Senhora das Dores é um elemento central nas vidas dos romeiros, e está

¹ No dia primeiro de março de 1889, Padre Cícero, ao celebrar uma missa em honra ao Sagrado Coração de Jesus na pequena capela de Nossa Senhora das Dores, para pedir a Deus que abrandasse a seca que assolava a região, ministrou a comunhão a um grupo de mulheres do Apostolado da Oração que havia passado a noite em vigília. A beata Maria de Araújo, ao comungar, entrou em êxtase, e a partícula que recebera das mãos do Padre Cícero transformou-se em sangue. As notícias sobre esses fatos extraordinários se espalharam rapidamente, e milhares de fiéis passaram a ir em romaria a Juazeiro, e a cultuar o Padre e a Beata como santos. As autoridades eclesiais rechaçaram esses fatos, dando origem a uma intensa questão religiosa. Para maiores informações sobre a história de Juazeiro, a questão religiosa e, especialmente, sobre a relação entre a Igreja Católica e as romarias, ver o trabalho de Renata Paz (2011).

associada à necessidade de se fazer presente na cidade através da realização de peregrinações. As práticas religiosas afetizadas (VAINFAS, 2000), marcadas pelo contato físico com os símbolos relacionados à Mãe das Dores e ao Padim Ciço, são verdadeiros mananciais em suas vidas. Através de rituais de circum-ambulação, conversas compenetradas com as imagens, beijos, abraços, alisamentos, amarrações de fitas, nomes e pedidos escritos nas imagens, os fiéis se expressam através de uma devoção gestual, afetuosa, íntima, marcada pela necessidade de proximidade física com as imagens dos santos espalhadas pela cidade, muitas delas desgastadas pelo contínuo toque devocional das mãos sertanejas. Assim, a ida a Juazeiro é fundamental para as suas existências, já que este é, para o devoto, solo sagrado, espaço de realimentação e refrigério.

Nesse sentido, algumas questões precisam ser investigadas para que seja possível compreender essa face do contexto pandêmico. A primeira delas é: como essa relação foi mantida pelos romeiros? O impedimento de realizar romarias gerou formas alternativas de manutenção do vínculo com Juazeiro? Considerando esse aspecto, voltamos nosso olhar também para as ações promovidas pela Igreja Católica. Que atividades direcionadas aos devotos do Padre Cícero, especialmente os romeiros, estão sendo desenvolvidas pela Igreja em Juazeiro do Norte neste contexto? Como essas atividades estão sendo percebidas pelos romeiros? Por fim, também consideramos fundamental saber quais significados estão sendo atribuídos pelos devotos à Covid-19 e à situação de pandemia.

Norteadas por essas questões, iniciamos nossas investigações em setembro de 2020. A pesquisa foi desenvolvida a partir da interação das autoras com os romeiros por meio de redes sociais, como grupos no Facebook e Whatsapp, além do acompanhamento da programação da Basílica de Nossa Senhora das Dores através da TV Web Mãe das Dores.

Iniciaremos este artigo com uma breve reflexão sobre a metodologia empregada na pesquisa e suas reverberações nos resultados obtidos. Em seguida, trataremos das visões dos nossos interlocutores sobre a pandemia e, por último, como vêm sendo desenvolvidas suas práticas devocionais e religiosas neste contexto pandêmico.

Pesquisar sobre romaria em tempos de pandemia

Ao planejarmos a investigação, deparamo-nos com um primeiro desafio: com o fluxo de romeiros praticamente interrompido, como acessá-los? De modo geral, do ponto de vista metodológico, as pesquisas envolvendo os romeiros em Juazeiro do Norte possuem a característica de serem baseadas na observação participante como, por

exemplo, os trabalhos realizados por Renata Paz (2011), Paula Cordeiro (2011) e Artur Brito (2020). De fato, a experiência de vivência próxima aos peregrinos tende a resultar na construção de uma percepção mais densa e alargada a respeito do universo romeiro. As interações face a face e a convivência direta viabilizam a visão mais acurada de detalhes inerentes às suas práticas e representações, sejam elas religiosas ou não. Entretanto, diante da impossibilidade (e mesmo por causa dela), de estabelecermos contatos diretos, optamos por trilhar o caminho das redes sociais, inicialmente através do Facebook. Diversas páginas agregam romeiros e devotos do Padre Cícero, tais como Romeiros do Padre Cícero e de N. Sra. das Dores, Romaria do Juazeiro- Cariri-Ceará, Pela beatificação do Padre Cícero, Devotos do Padre Cícero e da Mãe das Dores, Filhos da Mãe das Dores, Padre Cícero, o Santo do Nordeste, entre outras, que se constituíram em importantes canais de observação e interlocução.

Se deixamos de ter, por um lado, a dimensão da experiência da observação participante convencional, por outro, obtivemos a possibilidade de adentrar em um universo sem limitações geográficas, já que os grupos são formados por pessoas das mais diversas localidades. Outro fator a ser considerado é que, devido ao caráter sazonal das romarias, para pesquisá-las presencialmente é imprescindível desenvolver uma logística bastante peculiar no que diz respeito à otimização do uso do tempo, uma vez que acontecem muitos eventos de forma simultânea durante poucos dias, exigindo planejamento, foco e capacidade de desdobramento por parte do pesquisador. O acompanhamento virtual permitiu que rompêssemos com essa limitação temporal, na medida em que nos foi possível acessar de modo assíncrono diversas publicações nas redes sociais.

Uma das autoras, por estar próxima do universo das pesquisas sobre romarias e religiosidade em Juazeiro do Norte, já participava de alguns grupos de romeiros na rede social Facebook; a integração da outra autora foi feita no início da pesquisa. Considerando as postagens, interações e o número de membros, optamos pelo acompanhamento sistemático de dois deles: o “Romeiros do Padre Cícero e de N. Sra. das Dores” e o “Pela beatificação do Padre Cícero”. A partir da inserção nessas páginas, pudemos perceber os intercâmbios entre os membros, acompanhamos as publicações, observando e analisando os conteúdos das postagens, bem como as reações dos componentes. Além disso, por meio desses canais, travamos contatos de forma a viabilizar a realização de entrevistas semiestruturadas com alguns participantes. Através do Facebook também conseguimos acessar e entrar em grupos de Whatsapp de romeiros, o que conferiu maiores possibilidades de interação.

Se as redes sociais nos concederam possibilidades de acesso espaço temporais mais amplas face ao universo romeiro, por outro, foi notável a queda na qualidade em termos de interação, especialmente por meio do Whatsapp. Nesse sentido, Ricardo Santhiago e Valéria Magalhães (2020), ao discutirem sobre a realização de pesquisas baseadas na oralidade no contexto de isolamento social, apontam alguns obstáculos, especialmente no tocante às dimensões da corporalidade e da performance, aspectos cruciais em trabalhos dessa natureza. Além das dificuldades em relação à limitação desses dois elementos, destacamos outros três aspectos que repercutiram nos resultados: a superficialidade da interação, a falta de profundidade do material resultante das entrevistas e a dificuldade de atingir o público devoto mais idoso.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, referente à interação, embora o Whatsapp seja bastante popular entre os romeiros, as conversas realizadas através deste meio se mostraram bastante superficiais, limitando-se na maioria das vezes à troca de saudações diárias, muitas delas mensagens com o compartilhamento de imagens prontas, recebidas de outros grupos, além de breves comentários sobre as mesmas, ou a respeito de algum acontecimento ou notícia compartilhada.

Nas interlocuções estabelecidas por este meio, sentimos falta da formação de um ambiente mais propício para interação. O espaço para o estabelecimento inicial de uma atmosfera favorável para a entrevista, seja “jogando conversa fora”, tomando um café, entre outros recursos triviais que contribuem para a formação de um ambiente mais propício à interlocução acabou suprimido, o que nos conduz ao segundo elemento a ser ressaltado: essa interação superficial reverberou na qualidade das entrevistas, que findaram sendo em geral breves, com respostas suscintas². Além disso, em razão da disponibilidade dos interlocutores, muitas delas foram realizadas de forma assíncrona. Nesses casos, enviávamos as perguntas através de mensagens de texto ou de voz, e recebíamos as respostas posteriormente, o que inviabilizava ainda mais a interação e as possibilidades de aprofundamento.

O terceiro aspecto que julgamos importante ressaltar é que o uso de redes sociais acabou nos deixando relativamente distantes dos romeiros mais idosos, menos afeitos ao uso de novas tecnologias. Em sua pesquisa sobre romeiros em Juazeiro, Cordeiro (2011), ao discutir a questão da transmissão da devoção entre gerações, ressalta que é entre os

² Consideramos também as interferências associadas à questão do acesso à internet, à disponibilidade de pacotes de dados, e à acessibilidade ao uso das ferramentas virtuais de comunicação como fatores que contribuem para esse quadro.

mais velhos que se observa uma deferência maior às crenças e práticas religiosas. Nesse sentido, como a maioria de nossos entrevistados têm entre 20 e 50 anos, isso nos instiga a dar continuidade a essa investigação no contexto pós-isolamento, para acessar as experiências e impressões dos romeiros mais idosos face às questões aqui levantadas.

Feitas essas breves considerações acerca de alguns aspectos metodológicos, apresentaremos, com base no acompanhamento das postagens nas redes sociais e das entrevistas realizadas, análises a partir das percepções dos romeiros sobre três eixos: pandemia, romaria e devoção.

Narrativas em torno da pandemia nos ambientes virtuais

Desde o início da pesquisa, observamos um aumento progressivo das atividades interativas dos romeiros nas redes sociais. Entretanto, especificamente no Facebook, a pandemia não tem se configurado como tema predominante nas postagens. Nos grupos selecionados, nos meses iniciais ainda houve certa mobilização dos participantes em torno da temática. As postagens com referência à pandemia eram seguidas de pedidos de oração, interseção, livramento, saúde da família e dos demais romeiros e, também, pelo fim da pandemia, com o consequente retorno das romarias presenciais.

Em algumas publicações notamos também a menção ao Padre Cícero como um profeta que teria avisado ao seu povo que momentos como esses viriam, como na publicação no grupo Romeiros do Padre Cícero e N. Sra das Dores do dia 18 de março de 2020 que diz: “Coronavírus? A bíblia diz que nenhum mal se sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda. Confia em Deus pois ele é fiel”. Com setecentas e duas curtidas e quase duzentos e cinquenta comentários, essa foi a primeira postagem com referência à pandemia. Nela, um comentário chamou a nossa atenção: “Isso mesmo, meus irmãos, vamos ter fé em Deus, por mais que nós passemos por essa doença mais resistiremos, porque nosso Deus é maior. As coisas que o Padre Cícero dizia estão se cumprindo, o apocalipse está se cumprindo. Seja feita a vontade de Deus”. As prédicas do padre Cícero envolvendo secas, epidemias, fome e miséria foram largamente difundidas entre os devotos, sobretudo os mais antigos, através das narrativas orais e a da literatura

de cordel³. Nelas, muitas vezes o tom escatológico está presente, com vistas a orientar os fiéis no que seria o correto rumo de suas existências⁴.

Se as publicações no Facebook a respeito da pandemia são escassas, no grupo de Whatsapp que acompanhamos essas apareciam ainda menos. Uma das autoras obteve o contato do grupo de Whatsapp “Filhos da Mãe das Dores”, anunciado no grupo de Facebook “Romeiros do Padre Cícero e de N. Sra. das Dores”. Sua entrada no grupo foi solicitada ao administrador, e as condições de sua participação como pesquisadora explicitada. Ela foi aceita e apresentada ao grupo, que possui cerca de 200 membros de diferentes localidades. A perspectiva era de acompanhar e participar da interação dos membros, além de manter um contato mais direto com os participantes, para viabilizar a realização de entrevistas semiestruturadas.

Entretanto, não contávamos com o imponderável: para a nossa surpresa, havia o impedimento por parte dos administradores de que conteúdos relacionados à pandemia circulassem no grupo. Para eles, compartilhar lamúrias, notícias sobre a pandemia ou correntes de oração pelo fim desta, seria um indicativo de pouca fé, pouca confiança em Deus, além de propagar sofrimento e criar desordem no grupo. Todavia, apesar desta restrição, conseguimos estabelecer alguns contatos e realizar entrevistas.

Os depoimentos de nossos interlocutores, obtidos através de entrevistas, apontam para percepções sobre pandemia que podem ser relacionadas a três dimensões: uma, de caráter mais pragmático, associada à impossibilidade de transitar livremente, devido às medidas de isolamento social visando a contenção do vírus, o que afetaria não só as atividades laborais e de sociabilidade de um modo geral mas, em especial, as suas atividades religiosas, seja em suas paróquias, seja na interdição da realização de romarias presenciais a Juazeiro.

³ Os milagres da hóstia deram origem a uma questão religiosa envolvendo o Padre Cícero e as autoridades eclesiais, da qual resultou uma série de sanções sobre o Padre, a Beata e aos fiéis. Por não ter abjurado de sua crença nos milagres, Cícero foi suspenso de suas ordens sacerdotais, restando-lhe a função de conselheiro dos sertanejos. Todos os dias, centenas de pessoas se aglomeravam na frente de sua casa para ouvir seus conselhos e homilias. Suas prédicas contemplavam diferentes assuntos. Além dos mencionados acima, moral e costumes, trabalho, política, seca, desigualdade social, preceitos ecológicos, entre outros, também são temas bastante presentes. Vale salientar que, através de suas palavras, Cícero oferecia orientações concretas calcadas no cotidiano e na visão de mundo do sertanejo, fazendo com que sua voz ecoasse pelos sertões como o padrinho conselheiro e protetor. Sobre a questão religiosa, ver Paz (2011); sobre as prédicas do Padre Cícero, uma fonte importante é a obra de Maria da Conceição Campina (1985).

⁴ Mais adiante desenvolveremos aspectos referentes a essa visão escatológica.

Em relação a essa perspectiva, Joabson Calixto, 31 anos, romeiro de Natal (RN), afirma que a situação trazida pela pandemia é péssima:

Tô achando péssimo, né? Péssimo, até porque eu nunca tinha passado por isso na minha vida, não é? Não só eu, mas eu acho que todos da minha idade, não é? Dessa época nunca tinha passado por isso. E atrapalhou em tudo [...], atrapalhou o meu trabalho, emprego, atrapalhou a viagem ao Juazeiro. É como eu disse para você no início que aqui em Natal a gente só vai de ano em ano, aí você espera um ano para você ir pro Juazeiro, contando os dias, os mês. Aí devido essa pandemia agora a gente vai ter que passar dois anos pra poder ir, essa pandemia bagunçou tudo.

Entrevistadora: É, eu compreendo e fala um pouquinho mais sobre como ela afetou a tua vida, essa pandemia.

Ela afetou em tudo, né? Como eu disse, trabalho, trabalhava num canto, passei dois meses afastado pela empresa, recebendo pelo governo. Assim 30% da empresa e 70% do governo. Deu uma caída o meu salário, as condições ir e vir pro trabalho ficou mais complicada, porque antes eu pegava só um ônibus, agora eu pego dois e já fui assaltado na parada de ônibus à mão armada, né? Levaram meu celular, minha bolsa, farda, eu vindo pro trabalho, entendeu? Então, é mais ou menos isso. (Joabson Calixto, entrevista realizada através do Whatsapp, de forma assíncrona, em 17 de dezembro de 2020).

Marliete Pereira da Silva, 57 anos, professora municipal em Surubim (PE), também faz menção às limitações impostas pelo isolamento social, mas reflete sobre o que considera como ganhos em sua vida a partir das mudanças trazidas pelo cenário pandêmico:

Sim, porque, antes da pandemia, numa correria toda de escola, de igreja, de resolver coisas particulares e também da minha família, que eu também resolvo e muitas vezes a gente fica... eu, né? digo eu, lastimo: “aí que eu não tenho tempo pra nada, porque não tenho tempo”. Aí veio a pandemia. Fica em casa, né? Fica em casa! Aí é onde a pessoa reflete, que muitas vezes a pessoa reclama de barriga cheia, no popular, reclama de barriga cheia. Porque reclamava que eu não tinha tempo e depois da pandemia tinha todo o tempo e muitas vezes vinha a fadiga: “eita passar o dia todinho em casa”. Aí é onde a gente vai e se dá conta do quanto é importante poder sair, poder trabalhar, poder sair para resolver as coisas e administrar o tempo. Saber valorizar as coisas enquanto tem. É isso, a reflexão é essa. (Marliete Silva, entrevista realizada através do Whatsapp, de forma assíncrona, em 27 de novembro de 2020).

A segunda dimensão apresenta um caráter mais existencial, e diz respeito ao impacto provocado pelas mudanças de rotina, planos de vida e realidades ocorridos

abruptamente e além das escolhas individuais. Associadas a isso, estão as experiências de perdas súbitas de muitos entes queridos, que os levam a pensar na inconstância e nas limitações da vida. Tais acontecimentos convidam o romeiro à reflexão da sua relação com o outro, com o meio ou o mundo, consigo mesmo e com Deus. As palavras de José Carlos Barbosa, 33 anos, natural de Surubim (PE), sintetizam bem essa perspectiva:

Bom, ela [a pandemia] fez com que, eu já tinha esse pensamento, né? Como muitos pensam, é que o quanto, às vezes, a gente deixa passar o que é importante e se apega ao que é passageiro. Foi um dos grandes pensamentos que eu tive nesse período que a gente pode parar e pensar, não é? A gente tem tanta coisa farta, tanta coisa importante que deve é, vamos dizer, celebrar. Conviver, os amigos, a convivência, a proximidade e, às vezes, a gente deixa passar esses momentos. Então eu vi que essa pandemia fez com que a gente pudesse também parar e rever essas situações. Às vezes, por conta de coisas mínimas a gente fazia tempestades e hoje em dia a gente quer ter um momento desse mínimo se tivesse qualquer proximidade com o outro e a gente teve que ficar de fora, deixar do lado. Ver também o quanto a gente é, vamos dizer, pequeno diante de certas situações, mas também o quanto a gente é grande, do poder fazer a diferença. Então foram, são questionamentos que a gente... tudo, olhe, tudo o que a gente acontecer e viveu, a gente pode tirar uma lição. Uma lição do lado, vamos dizer, que não é tão bom, mas também uma lição do que a gente pode levar pro resto da vida. (José Carlos Barbosa, entrevista realizada através do Google Meet no dia 02 de março de 2021).

Fagner José de Andrade, 29 anos, natural de Salgadinho (PB), romeiro e pesquisador das romarias, do Juazeiro e do Padre Cícero segue essa linha de pensamento ao afirmar que a pandemia lhe trouxe a possibilidade de reflexão sobre aspectos importantes em sua existência:

Eu acho que eu comecei a perceber aí não como remorso, como... mas perceber “poxa, eu perdi tanto tempo muitas vezes com coisas tolas sabe? Com infantilidades, com discussões desnecessárias, com brigas, com coisas que a gente”, enfim, faz parte da vida, né? Fazem parte da nossa caminhada. São coisas que a gente foi deixando, foi acumulando e aí com a pandemia eu entendi que isso não faz mais sentido, né? (Fagner Andrade, entrevista realizada através do Google Meet no dia 25 de fevereiro de 2021).

A esse respeito, de maneira mais direta, Joabson Calixto expõe suas impressões:

[...] eu perdi várias pessoas, por causa dessa doença, né? Várias pessoas conhecidas mesmo e até pessoas, amigos romeiros, né? que viajavam para o Juazeiro. E eu pensando, tipo assim, pra pessoa dar mais valor à vida, ter mais cuidado com a saúde, com a higiene, entendeu? Mais amor a Deus, né? Porque só Deus na frente para acabar comisso ai, né? que tá acontecendo. A gente tem que dar mais valor a vida, a família, aos amigos, né? Nem todos são seus amigos, não é? Mas, enfim, temos que dar mais valor à vida, né? E ao próximo. (Joabson Calixto, entrevista realizada através do Whatsapp, de forma assíncrona, em 17 de dezembro de 2020).

Esses depoimentos apresentam, de forma bastante evidente, a mudança no olhar dos entrevistados quanto a alguns aspectos presentes em suas rotinas no contexto pré pandemia, mas que não eram valorizados: a romeira Marliete ressalta que agora percebe que antes reclamava de “barriga cheia”, e que está tendo a oportunidade de valorizar o que possui em seu cotidiano. Essa perspectiva se articula com a necessidade de desenvolver uma capacidade de resiliência, de saber aprender com as lições que a vida traz, de não perder tempo com assuntos menores, de selecionar o que de fato importa, e de ter mais amor a Deus.

Retomamos aqui a dimensão escatológica, mencionada anteriormente. Ela está presente nas leituras sobre a pandemia, que muitas vezes é interpretada como um sinal divino ou até mesmo um castigo dos céus, sendo rapidamente incorporada pelos devotos como avisos de aproximação do fim do mundo. O depoimento de dona Maria José Araújo Santos, mais conhecida como Maria Catequista, artesã de 73 anos, moradora de Rio Largo (AL), deixa entrever essa perspectiva:

Eu vejo essa pandemia como no tempo de Moisés no antigo testamento, lá no segundo testamento, a gente tá vivendo o primeiro. Que no tempo que era Moisés quando Deus enviou para ele tomar conta dos rebanhos e o rebanho não ligava, não queria acreditar. Ele mandou seu filho Jesus e o povo continua não acreditando, então o que é que acontece? Paga o justo pelo pegador. Na vida religiosa já estou sentindo que devemos vigiar, porque o momento está próximo. (Maria Catequista, entrevista realizada de forma assíncrona através do Whatsapp no dia 18 de novembro de 2020).

É interessante notar que o início da pandemia coincidiu com período da quaresma de 2020, momento em que os fiéis católicos realizam diversos rituais, além de sacrifícios, como jejuns e abstinências, direcionadas à purificação e à Páscoa. De maneira evidente, Edilson Barbosa, 43 anos, morador de Lagoa Limpa do Fernandes, distrito de Nova Cruz,

no Rio Grande do Norte, fretante⁵ com mais de quarenta viagens a Juazeiro do Norte, afirma que a pandemia é um sinal divino e uma oportunidade para a regeneração humana.

[...] Por quê? No meu ponto de vista, é para o pessoal saber que Deus existe. Essa pandemia ela veio “mode” saber, não tem rico, não tem pobre, não tem preto, não tem branco. [...] Quem tá morrendo dessa doença, tá morrendo toda qualidade, não tem dinheiro que faça, pra dizer assim, você... “não, eu tô com dinheiro eu vou... quero um leito de hospital. Não”. Ali é só pra quem tá, dinheiro não vale. Não vale dinheiro, não vale nada. Você tem que se apegar a Deus, saber que Deus existe, porque essa pandemia ela veio pra isso. Você antigamente, você via na rede social, ninguém falava em Deus, só falava no mundo mundano. Era música cada uma mais sem futuro do que a outra. Era as mulheres pelada na internet. [...]. Aí essa pandemia ela veio pra ensinar a muitos. Porque o pessoal não tava temendo a Deus. [...] Hoje não, hoje é o pessoal tudo com aquele medo, com aquele cuidado, com aquela... Mas, é assim mesmo, uma hora tudo vai dar certo, se Deus quiser. (Edilson Barbosa, entrevista realizada através do Whatsapp, de forma assíncrona, em 08 de janeiro de 2021).

Seguindo essa linha de interpretação, Alexandre Romeiro, morador de Murici (AL) afirma que:

Olha, como sempre pensei, meu pensamento, esse momento de pandemia e essas coisas que aconteceu isso pra mim tem sido culpa do homem, né? que quer ser mais do que Deus, mas aí Deus mostra que quem tem poder é Deus. Esse momento muito difícil que todos nós estamos sofrendo, que todos nós estamos vivendo a gente sabe que existe um culpado, né? E o culpado pra mim são os homens ou a gente mesmo, também, porque às vezes há muitas pessoas com falta do amor de Deus. (Alexandre Romeiro, entrevista realizada através do Whatsapp, de forma assíncrona, no dia 18 de fevereiro de 2021).

Esses depoimentos, permeados por uma visão escatológica, de certo modo reatualizam elementos arraigados no imaginário penitencial propagado através dos sertões nordestinos desde o período colonial, sobretudo por capuchinhos e lazaristas, que baseavam a sua prática de evangelização no que a historiografia ocidental convencionou chamar de pastoral do medo (DELUMEAU, 1986). Em suas pregações, sobretudo os frades capuchinos enfatizavam a ira divina, o pecado, a morte, a culpa e o inferno (DELLA CAVA, 1976). É possível perceber a permanência desta visão entre os entrevistados, que

⁵ Designação dada aos que organizam e realizam viagens com grupos de romeiros. São responsáveis pelo transporte, acomodação e passeios na cidade.

consideraram a pandemia e o sofrimento dela decorrente como resultado da ação do homem que “não estava temendo a Deus” ou então “quer ser mais que Deus”.

Por fim, a terceira dimensão aponta para a percepção de que, para muitos, o isolamento social e as medidas de contenção rígidas contra a propagação do vírus permitiram uma aproximação da família nuclear e de parentes próximos, aumentando as experiências compartilhadas entre esse grupo, o que contribuiria para o reforço dos laços familiares, afastando os membros de uma vida social pública mais movimentada e “desgarrada”, isto é, distante dos propósitos divinos, viabilizando assim a restauração da fé e da moralidade, atreladas aos valores da família cristã.

Almir Cicero de Oliveira Freitas operador de telemarketing, natural da cidade de Surubim (PE), diz que:

Veja bem, a pandemia é um momento de crise em todos os setores, sejam eles quais forem, mas a pandemia a gente pode se tirar essa lição: para a gente valorizar mais aqueles que a gente amamos, ou seja, a nossa família. Para a gente valorizar cada dia mais, então, do meu ponto de vista a pandemia, nesse momento de isolamento que passamos severo que tivemos o ano passado serviu para isso para a gente ter uma proximidade melhor com os nossos familiares. (Almir Freitas, entrevista realizada através do Whatsapp, de forma assíncrona, no dia 18 de fevereiro de 2021).

Sobre essa dimensão, o senhor Edilson Barbosa é mais enfático em seu depoimento:

[...] hoje é tanta da gente pedindo oração, sabendo o que é família. Antigamente os pais respeitava os filhos e os filhos respeitava os pais, hoje já tá... já tava perdido, o mundo tava perdido que ninguém tava se respeitando mais. Hoje tá os pais em casa cuidando dos seus filhos, as mães cuidando dos filhos. [...] Hoje tão tudo quietinho, caladinho, dentro de casa, óia, só orando, rezando. Você vê nessa rede social, você só o que vê, o pessoal pedindo pela saúde, pra que essa pandemia se acabe, porque por isso, por aquilo, mas... Ela vai passar, se Deus quiser, eu confio em Deus que ela vai passar. (Edilson Barbosa, entrevista realizada através do Whatsapp, de forma assíncrona, em 08 de janeiro de 2021).

De diferentes maneiras, a pandemia trouxe para os nossos entrevistados uma atividade de reflexão sobre suas práticas e vivências de sociabilidades e religiosas. Os discursos por eles evocados trazem uma preocupação com a necessidade de viver a realidade presente aproveitando o aqui e agora sem se afastar dos caminhos e desígnios

divinos. A fé na Mãe das Dores e a confiança nas ordenanças e conselhos do Padre Cícero balizariam a esperança de superação da crise a qual passamos, e possibilitariam o conseqüente retorno à terra sagrada, o “santo Juazeiro”.

A religiosidade e seus rearranjos em contexto pandêmico

A romaria passou a ser feita em casa, por meio das redes sociais, sendo denominada pela Igreja Católica como “romaria virtual”. Esse modelo abrange uma programação mais ampla, indo além das habituais missas, novenas e shows lúdicos, para contemplar também exibições de filmes e programas de entrevistas *on-line*, por exemplo. A Igreja Católica passou a apresentar o discurso de que as romarias virtuais possibilitaram novas reorganizações de vivências da fé, pois cada casa se torna uma “igreja doméstica”. Assim, a virtualidade permitiria que as romarias transpassem a dimensão de espaço-tempo, aproximando a Igreja de Juazeiro às residências dos devotos do padre Cícero. Nesta perspectiva, é comum a divulgação das ideias de que, através dessas ações, “o Juazeiro vai até o romeiro”, ou “a Igreja vai até o romeiro”.

No decorrer do primeiro ano de pandemia, a Basílica Matriz de Nossa Senhora das Dores, através dos seus canais oficiais nas redes sociais, em especial a TV Web Mãe das Dores, intensificou sua ação e abrangência, construindo um formato base de programação para as romarias virtuais. É oportuno salientar que, antes da necessidade de virtualização das romarias, havia um incipiente trabalho voltado à produção de conteúdo digital nas redes sociais da Basílica, sendo esse composto basicamente por *lives* de missas e programas de entrevistas como, por exemplo, o quadro semanal “À sombra do pé de Juá”. Com a realização das romarias virtuais, os conteúdos vêm sendo construídos de forma mais interativa e diversificada, resultando num elevado engajamento de seguidores⁶. Além da TV Web, o perfil da rede social Instagram da Basílica também vem se caracterizando pela dinamicidade com postagens.

Todos os romeiros que entrevistamos acompanham a TV Web Mãe das Dores. Embora alguns tenham feito referências a outras redes, como a TV Aparecida, a predileção

⁶ Com mais de 40 mil seguidores, a TV Web atualmente apresenta uma programação que envolve missas diárias, programas de formação catequética e de entretenimento voltado, segundo sua proposta, “para toda a família romeira”, com *lives* de shows, notícias de Juazeiro, entre outros. Ver <https://maedasdoresjuazeiro.com/tv>. Acesso em: 09 fev. 2022.

pelas coisas de Juazeiro, notadamente da Basílica⁷, é indiscutível. Como afirma dona Maria Catequista, “Pertenceu a Juazeiro, eu gosto de tudo”. Nos diversos depoimentos foram elencados vários aspectos que enfatizam essa preferência. O primeiro deles é a possibilidade de manutenção do vínculo com a Terra da Mãe de Deus, alcunha dada pelos romeiros à cidade. Assistir as missas da Basílica, mesmo estando distantes, é uma forma de apaziguar a saudade e de estarem próximos de Juazeiro. Nesse sentido, ainda de acordo com dona Maria, “[...] o ponto principal mesmo é missa na Igreja de Nossa Mãe das Dores. É uma paz quando a gente tá ali na Basílica, né? Você se sente ali à vontade junto com Deus e Nossa Senhora”.

A devoção ao Padre Cícero, a fé e a confiança nos símbolos e elementos do universo do catolicismo popular são aspectos essenciais para os romeiros, e tudo isso é atualizado através da realização das romarias a Juazeiro, considerada pelos romeiros como *axis mundi* (ELIADE, 1987) para o devoto. Em muitos depoimentos, esse sentido de fortalecimento é destacado. Alexandre Romeiro, por exemplo, diz que

Eu sempre assisto pela TV Web Mãe das Dores, né? Sempre assisto pela TV Web Mãe das Dores e às vezes quando não dá pra mim assistir na hora, ao vivo, mas eu vou lá e assisto quando já tá gravado, né? Tá na internet⁸. Então, eu gosto muito de assistir TV Web Mãe das Dores porque eu acho interessante uma coisa que durante essa pandemia toda a gente não foi até Juazeiro, mas Juazeiro veio até nós. Isso aí foi uma coisa muito importante e a palavras que o Pe. Cícero José fala que todos da Matriz falam, que passa pra gente virtualmente é muito importante e isso fortalece mais ainda gente nesse momento difícil que tamos vivendo. (Alexandre Romeiro, entrevista realizada através do Whatsapp, de forma assíncrona, no dia 18 de fevereiro de 2021).

No depoimento acima, assim como em tantos outros aparece a ideia de que nesse cenário de pandemia surge um novo modo de fazer romaria: não é o romeiro que se desloca a Juazeiro, mas é Juazeiro que vai até o romeiro. Isso denota a dimensão da criatividade e da necessidade de readaptação às condições impostas pelo contexto. Em sua entrevista, Fagner Andrade ressalta esse aspecto ao afirmar que

⁷ As redes sociais de outras igrejas em Juazeiro também foram mencionadas, mas de modo incipiente. Como diz o romeiro Almir: “Lógico, tem outros meios tanto o Santuário São Francisco, a rede social de lá, do Horto do Padre Cícero, é... dos Salesianos. Mas, enfim, a gente fica mais ligadinho nas questões dos meios de comunicação assim mais através da TV Web Mãe das Dores [...]” (Almir Freitas, entrevista realizada através do Whatsapp, de forma assíncrona, no dia 18 de fevereiro de 2021).

⁸ O fato de poder assistir à programação de forma assíncrona é um aspecto considerado nesse formato de divulgação nas redes sociais.

Eu vejo que a pandemia ensinou muita coisa também, claro muitas vidas foram ceifadas, muita crise, muita destruição, mas também muita perspectiva nova, muita coisa nova foi surgindo, muita dinâmica, muita alternatividade, podemos assim dizer, foram sendo criadas, né? Tanto do ponto de vista da vida das pessoas, do cotidiano social, mas também do próprio religioso, né? Porque ninguém até então, pouco a Igreja tinha olhado, pouco a religião tinha olhado pra questão da virtualidade. Então viver uma romaria de forma virtual, né? tem sido uma dessas questões que a pandemia tem nos ajudado a viver. Porque assim, claro, não é que isso vá se sobrepor a experiência de viver a romaria com as pessoas, não tem como. Nada pode sobrepor o viver a experiência da romaria, mas claramente a gente não pode negar que ela ajudou, essa romaria virtual ajuda o romeiro a alimentar a sua fé a sua esperança de voltar para o Juazeiro. Então, alimenta uma esperança de que vamos melhorar, de que vamos lutar, de que vamos seguir em frente, de que vamos conseguir atravessar esse vale escuro que estamos atravessando. [...] Então, é um momento da gente, é um momento novo, é um momento de uma realidade nova. Outras já existiram e agora a gente tá passando por outra que a gente tem que aprender com tudo isso uma forma de atravessá-la de forma criativa, acima de tudo. Criatividade, criatividade é a palavra-chave de tudo isso. (Fagner Andrade, entrevista realizada através do Google Meet no dia 25 de fevereiro de 2021).

O senhor José Carlos Barbosa é um romeiro estudioso sobre o Padre Cícero. Em seu depoimento, ele apresenta uma percepção muito acurada sobre essa dimensão da capacidade de reinvenção, associando-a às raízes da história de Juazeiro. Optamos por transcrever um trecho longo de sua fala, por julgarmos extremamente rico em elementos que permitem compreender a dimensão e o alcance dessa faceta criativa dos romeiros e das romarias.

[...] se... a pessoa reinventar essas práticas religiosas, devocionais e isso também vem ligado ao Padre Cícero, ao próprio Padre Cícero e o romeiro também tirou de letra de certa forma nesse tempo de pandemia, porque ele viveu e até pouco tempo essa realidade do se reinventar. Nós sabemos que a Igreja ela teve, vamos dizer, divisões grandes logo no início com o Padre Cícero e com os romeiros. Um dado importante sobre a história do Juazeiro é a Matriz da Mãe das Dores. Senão em engano foram 26 anos fechada sem nenhuma atividade pastoral⁹ e o romeiro precisou se reinventar. Ele não deixou de visitar o Juazeiro, ele não deixou de viver sua prática devocional. Então ele ia ao Juazeiro e fazia o quê? Rezava caminhando ao redor da Basílica, ele acendia suas velas no pé da parede

⁹ Alusão ao interdito imposto pela Diocese do Ceará a Juazeiro do Norte, durante a questão religiosa envolvendo o Padre Cícero e a hierarquia eclesiástica. Entre os anos de 1895 a 1916, a capela de Nossa Senhora das Dores ficou fechada e as celebrações eucarísticas, quando realizadas, eram presididas por padres de fora da localidade. Para maiores informações, ver Paz (2011).

por fora da Basílica. Então ele criou, vamos dizer, aquilo que Daniel Walker quando falou no livro, ele criou uma “espacialidade”, não é? Ele pegou todo o Juazeiro e fez com que se transformasse num meio de expressão de fé. Ele transformou aquele rio Salgadinho no rio Jordão. Ele transformou o Horto do Padre Cícero no Horto das Oliveiras e às vezes no Calvário. Ele transformou o Sepulcro como o Sepulcro do... onde colocaram o corpo de Jesus. Então o romeiro ele tirou de letra, mas isso vem desde o início da história do povo de Deus, não é? O povo de Deus sempre está nessa caminhada se reinventando. Era escravo precisou sair, precisou se reinventar, precisou suas liturgias. Então é uma caminhada que vem desde o início.

E o Padre Cícero ele é um grande comunicador [...]. Então a gente vê que Padre Cícero precisou trabalhar a comunicação em todo o seu trabalho pastoral e social.[...]. Ele sabia comunicar com o meio político com o religioso e com o popular e isso chega pra nós hoje. Então ele não podia deixar de trabalhar a comunicação. Graças a Deus a gente que trabalha com a fé também, a gente sabe que tem um toque, vamos dizer, um direcionamento de Deus. Nessa criação de TV Web Mãe das Dores, o acesso pelo Whatsapp e por outros meios que faz com que a comunicação aconteça. Comunicação, reinvenção das romarias, de práticas religiosas, dos rituais dos romeiros, então, isso daí vem desde o começo. Tanto da história do povo, né? de Deus, mas pelo próprio Padre Cícero, ele incentivou muito isso, porque ele precisou muito disso desde o seu tempo pra fazer o seu trabalho pastoral acontecer de verdade. Então hoje tem esse... começou mesmo a TV Web com Padre Cícero José e teve que ter uma força grande por trás de tudo isso. A gente que anda nesse trabalho pastoral a gente sabe que tem as barreiras, tem sempre aqueles que acham que não dá certo. Mas a gente vê, eu consigo ver pelo menos essa ligação daquele tempo do Padre Cícero Romão que precisou trabalhar com comunicação dos meios que tinha no seu tempo e hoje também a Igreja precisou fazer isso. Então o Juazeiro ele está sempre assim, não deixa essa ligação nunca do Padre Cícero. [...] Vai mudando só, vamos dizer, os personagens da história, mas tem ligação. Então nessa pandemia o romeiro se adaptou, mas porque ele já tinha a experiência dos nossos bisavôs, os nossos avôs e passaram pros nossos pais e hoje pra nós, então teve uma vasta, já tem um vasto conhecimento, já é muito do romeiro esse se readaptar, não é? Essa caminhada toda. Então, eu acho, teve as dificuldades? Teve, porque é novo pra gente, né? (José Carlos Barbosa, entrevista realizada através do Google Meet no dia 02 de março de 2021).

Considerando esses dois depoimentos, é possível afirmarmos que um dos impactos mais marcantes da pandemia para os romeiros foi a renovação daquela que talvez seja a prédica mais popular do Padre Cícero: que cada casa seja uma oficina de trabalho e um lugar de oração. Nas atuais condições impostas aos romeiros do “Padim”, estes reinventam suas romarias transformando seus lares em uma extensão da Igreja de Juazeiro. Através das celebrações *on-line* recriam o contato com o Juazeiro e o Padre Cícero à distância atualizando seus vínculos e fé a cada nova romaria. Por meio de fotos e vídeos,

divulgam suas participações nas romarias durante a pandemia, recriando ou acompanhando os ritos em seus lares, com suas famílias ou pequenas comunidades.

Vivência religiosa doméstica

Essa gente de fé, devotos e romeiros do Padre Cícero, têm aberto seus lares para a realização das romarias à distância. Com o fechamento das igrejas em decorrência da necessidade do isolamento social, impedindo assim os fiéis de participarem das celebrações presenciais, ocorreu o movimento de integração das atividades pastorais na dinâmica dos lares dessas famílias romeiras. As práticas já então presentes na vida desses romeiros, como orações em altares domésticos, celebração de novenas, terços, rezas, entre outras, se intensificaram na pandemia como uma forma de estabelecer maior aproximação com o que é entendido por eles como divino. Esses devotos parecem encontrar no cuidado das suas vidas religiosas um suporte para passar pelas “provações da pandemia”. A pandemia, que aparece como um castigo divino ou uma chance para os homens corrigirem os seus erros e reencontrarem-se com Deus, mostra-se também como uma oportunidade para a reinvenção dos romeiros do Padre Cícero e da Mãe das Dores.

Sobre os cuidados com a sua religiosidade durante a pandemia, Marliete da Silva comenta:

Neste tempo de pandemia, eu faço minhas orações em casa, faço no santuário onde tenho as minhas imagens. Onde coloco o terço, onde coloco as velas, santuário, né? A bíblia e tenho o meu horário de oração. E também tenho ido a Matriz a qual eu participo de muitas pastorais, eu tenho ido uma vez por mês, ou duas. Na verdade, eu agora estou indo um pouco mais. E também, assisto, participo, acompanho pelas redes sociais, tanto as missas daqui da minha paróquia, como as missas também transmitidas pela Web Mãe das Dores de Juazeiro. A gente como romeira, eu como romeira me direciono também para o Juazeiro, acompanhando o ciclo de romaria todo virtual, pelas redes sociais, acompanho de casa. E uma vez ou outra alguém pede para rezar um terço na casa, então, com todos os cuidados, máscaras, todos os cuidados, distanciamento. Também, atendo, também, as pessoas que me chamam para rezar os terços que as pessoas fazem promessas, então também faço isso. E acompanhando tudo, as celebrações de fora, principalmente do Juazeiro, pelas redes sociais, né? (Marliete da Silva, entrevista realizada através do Whatsapp, de forma assíncrona, no dia 27 de novembro de 2020).

Os romeiros que entrevistamos têm relatado o reavivamento de laços familiares e do senso de coletividade com a comunidade mais próxima. Transportando para seus lares as práticas religiosas que habitualmente vivenciavam nas suas paróquias locais, eles têm recriado, ainda que momentaneamente, templos em suas residências nos quais podem, ao se religarem com o divino, manterem vivas suas tradições de fé e devoção.

Leilza Silva, 51 anos, moradora de Natal (RN), indagada sobre quais atividades religiosas têm praticado em casa durante a pandemia, respondeu que:

Sim, eu rezo sim, jamais deixo de rezar meu terço. Eu rezo meu terço todos os dias, me ajoelho no meu quarto, rezo meu terço. Peço a Deus para ele livrar os filhos dele desse vírus, dessa pandemia que Deus perdoe os nossos pecados. Minha vida é de reza, minha vida graças a Deus é de reza. Rezo o Terço da Misericórdia, rezo o Terço Mariano, rezo meus terços todos os dias, sim, todos os dias. (Leilza Silva, Entrevista realizada através do Whatsapp, de forma assíncrona, no dia 27 de novembro de 2020).

Considerando tanto as entrevistas quanto a análise das postagens dos grupos dos diferentes ambientes virtuais que acompanhamos desde o início da pesquisa, percebemos que a prática da oração aparece frequentemente nos discursos evocados por nossos interlocutores a respeito da pandemia. A prece assume para os devotos do Padre Cícero as funções de alimento da fé, proteção e livramento dos males da pandemia que recai sobre a humanidade.

Em diversos momentos nossos entrevistados falaram com tom de alegria e orgulho sobre o compromisso firmado em seus lares, junto de suas famílias, de desempenhar o papel de fiéis cristãos ao realizarem rezas, terços, novenas e diversas outras atividades no seio das suas comunidades. Destacamos a seguir este trecho da fala de Edilson Barbosa:

[...] aqui graças a Deus minha família é muito religiosa. Eu faço parte da Igreja, eu sou, assim, eu gerencio, sou tipo um tesoureiro da Igreja. A minha esposa canta no coral da Igreja, meu filho é coroinha e as minhas duas meninas, que eu tenho três filhos um rapaz e duas moças. [...] Mas graças ao meu bom Deus, todos nós, a gente somos bem religiosos. Vamos na igreja todo... assim que a gente pode a gente vai à igreja. Todo domingo ela é aberta aqui a igreja da gente, a capelinha da gente. A gente tem uma capela, todo domingo ela é aberta. Tem... Nas quintas-feiras tem adoração, eu vou pra adoração com a minha família e no domingo tem celebração. No último sábado do mês tem missa aqui presente. O pessoal vem, pega o cartão de acesso, aí como a igreja da gente é pequena, comporta só 24 pessoas. Aí aquele que pega o cartão assiste dentro da igreja e aquele que não pega, assiste, mas o pessoal fica do lado de fora assistindo a missa

do mesmo jeito, mas eu participo da missa aqui sempre que dá. E inclusive meu pai é ministro da eucaristia. Meu sobrinho coroinha, a minha cunhada ministra da eucaristia também, o meu cunhado é cantor na Igreja. Olhe graças ao meu bom Deus, nós somos uma família bem religiosa. Graças a Deus! (Edilson Barbosa, entrevista realizada através do Whatsapp, de forma assíncrona, em 08 de janeiro de 2021).

É comum entre nossos interlocutores que esses ocupem algum cargo ou desempenhem algum papel em suas paróquias ou comunidades locais. Esses romeiros, impedidos de realizar suas funções presencialmente nas igrejas deslocam as atividades para o espaço doméstico a fim de que sejam realizadas de maneira individual, ou então de forma coletiva no seio da comunidade mais próxima.

Dito isso, esses devotos demonstram recriar práticas e vivências comuns em suas vidas religiosas no espaço de suas residências. “Reinventam” o modo de ser e de viver a romaria, em seus lares, nas redes sociais ou com ajuda desta, durante a pandemia.

Considerações finais

O uso das redes sociais para fins de práticas devocionais tem crescido e se popularizado entre os romeiros, não só pela difusão entre a comunidade, mas também em decorrência da divulgação institucional dos canais oficiais da Igreja em Juazeiro. Tais espaços virtuais têm sido usados para sanar a necessidade da realização das romarias ao Padre Cícero e à Mãe das Dores em caráter virtual, como alternativa às aglomerações produzidas pelas romarias presenciais, em virtude da proibição de eventos públicos agregadores de multidões a fim de evitar a propagação do vírus.

Desde o início da pesquisa até o momento nota-se uma maior aproximação dos sentidos atribuídos à pandemia e as ferramentas alternativas utilizadas para a realização das romarias de Juazeiro em caráter virtual, entre a comunidade romeira e a Igreja Católica de Juazeiro do Norte. Por exemplo, a necessidade de a Igreja fazer-se presente nos lares dos fiéis e a partir das ferramentas digitais transformando cada casa e família em uma “igreja doméstica”. Os fiéis, por sua vez, entendem que a aproximação com o “santo Juazeiro”, no contexto pandêmico atual, dar-se por meio do trabalho pastoral realizado pela Igreja através das suas redes sociais; é uma forma de “manter-se conectado ao Juazeiro”.

A pandemia proporcionou modificações nas percepções dos romeiros entrevistados acerca de aspectos cruciais em suas vidas: a valorização do tempo presente, da vida cotidiana e da família são elementos recorrentes em seus depoimentos. Do mesmo modo, eles ressaltam a necessidade de se apegar mais a Deus e de desenvolver uma postura resiliente nesse momento tão crítico.

Em consonância a isso, esses romeiros recriam, em seus lares e comunidades locais, suas práticas e vivências religiosas com o intuito de manter viva a fé no Padre Cícero e na Mãe das Dores, bem como a tradição das romarias a Juazeiro. É a partir das atividades religiosas desempenhadas em suas residências e da necessidade de manterem-se ligados a Deus e aos seus intercessores que esses encontram orientação e explicação para a pandemia e a possibilidade de superá-la. Esses têm como objetivo final, sobretudo, o aguardado retorno das romarias presenciais a Juazeiro do Norte.

Referências

ALENCAR, Salatiel. *Joazeiro Celeste: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero*. São Paulo: Attar, 2007.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo*. Bauru: Edusc, 2008.

BRITO, José Artur Tavares de. *À sombra do Juazeiro: as transformações da experiência religiosa popular no Juazeiro do Padre Cícero (1986-2016)*. 2020. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2020.

CAMPINA, Maria da Conceição. *A voz do padre Cícero e outras memórias*. São Paulo: Paulus, 1985.

CARVALHO, Gilmar de. *Madeira matriz*. Cultura e memória. São Paulo: Annablume, 1998.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. *Entre chegadas e partidas*. Dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte. Fortaleza: IMEPH, 2011.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente, 1300-1800*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1986.

ELIADE, Mircea. *The encyclopedia of religion*. New York: MacMillian Publishing Company, 1987.

PAZ, Renata Marinho. *Para onde sopra o vento*. A igreja católica e as romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza: IMEPH, 2011.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. “Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância”. *Anos 90*, v. 27, p. 1-18, 2020.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz. *Brasil de Todos os santos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Agradecimentos

Agradecemos à professora Maria Paula Jacinto Cordeiro pela leitura e sugestões ao texto.

Financiamento

Projeto integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa/Universidade Regional do Cariri (PIBIC-FUNCAP/URCA).

Recebido em 30 de julho de 2021

Aceito em 15 de fevereiro de 2022